

INTERVENÇÃO DO SR. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

NA CERIMÓNIA DO 10 DE JUNHO de 2020

LOCAL: Monumento evocativo da Presença do Soldado Português em África I Jardim do
Ultramar

Excelentíssimo Senhor General Joaquim Chito Rodrigues, Presidente da Direcção da Liga dos
Combatentes,

Excelentíssimo Presidente do Núcleo de Oeiras e Cascais da Liga dos Combatentes, Sr.
Superintendente Isaiás Teles,

Excelentíssimos Senhores representantes das Forças Armadas e das Forças de Segurança,

Senhoras e Senhores Autarcas e Deputados Municipais,

Excelentíssimos Senhores Ex-combatentes,

Excelentíssimos Membros do Corpo Diplomático,

Excelentíssimos Senhores Oficiais das Forças Armadas Estrangeiras,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Embora fisicamente afastados uns dos outros, por força das circunstâncias que estamos a
viver, tenho a certeza que, entre todos os que aqui estamos, existe um grande sentido de
união.

Esta é, em minha opinião, a energia que nos outorga, ano após ano, a Comemoração do “10
de Junho” - Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

Tradição antiga, o Município de Oeiras sente-se muito confortável ao associar-se ao universo
militar, nesta evocação. Por três ordens de razões:

Desde logo porque se trata de um imperativo de consciência e um dever de cidadania;

Por outro lado, é também uma forma de, com toda a dignidade, honrarmos todos aqueles
jovens do nosso concelho que combateram em África, servindo Portugal nas Forças Armadas

Portuguesas. Longe de homenagearmos uma época, um regime, ou uma guerra, tudo quanto queremos é prestar um sincero tributo de gratidão a quem lutou e deu a vida pelo seu país, pela sua Pátria. Para quem deu o melhor de si em contextos de enorme adversidade, como são geralmente os contextos de guerra. Por isso mesmo os ex-combatentes, são merecedores do nosso maior e mais profundo respeito!

Em terceiro lugar esta é uma cerimónia que assume uma dimensão extraordinária ao vislumbrar-lhe uma linha que une passado e presente, transmitindo-nos uma sensação de confiança nas nossas Forças Armadas e de Segurança para que, com a sua ajuda, possamos enfrentar o futuro neste Mundo incerto em que vivemos, onde crises, conflitos e doenças são uma ameaça constante desde os tempos da mítica Guerra de Tróia!

Vem a propósito coligar o confinamento vivido por todos nós, com os tempos de guerra, e talvez ninguém melhor do que aqueles que tiveram a dura experiência da guerra do Ultramar para estabelecer uma analogia ou uma conformidade entre estas duas situações. Sei do que falo, pois, também vivi esses tempos em Angola.

Conformidade no sentido em que o isolamento impõe o altruísmo em detrimento do hedonismo e do individualismo.

Conformidade no sentido em que, numa situação de isolamento dependemos todos uns dos outros em alto grau de preponderância ao ponto da dimensão pessoal ser neutralizada pela dimensão colectiva.

Conformidade no sentido em que o isolamento nos desperta para relações de maior entreatajuda e de maior cooperação entre as pessoas. Exemplos não faltarão decerto na Liga dos Combatentes sobre militares que deram a vida pelos outros. Talvez por isso seja mais

importante a criação, por parte do Estado, de um “Estatuto do Antigo Combatente” do que a atribuição de uma qualquer compensação financeira, por maior que a mesma seja.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

3

Possivelmente alguns dos presentes estarão porventura a recordar as “Terras do Fim do Mundo” por onde permaneceram com as respectivas Companhias, apartados de tudo e de todos, num confronto com perigos e medos inerentes às operações de combate.

Ora esta situação de pandemia veio também evidenciar que o Homem é um ser eminentemente social, necessitando cada vez mais do seu próximo e de desenvolver sentimentos de solidariedade.

Aliás, é curioso verificar que há razões fortíssimas para que, longe da solenidade das comemorações públicas, se realizarem pelo País fora, inúmeros encontros e almoços de Companhias, Regimentos ou Batalhões que participaram na guerra de África.

Não corporizarão tais almoços uma espécie de “memória-refúgio” protectora de um fortíssimo espírito de união construído justamente sob um clima de isolamento e de tensão?

Não provocarão tais almoços um perdurar desses laços de profunda cooperação e camaradagem entre antigos combatentes, laços forjados em contexto de guerra que os tornou, metaforicamente falando, “irmãos de alma”?

Outra metáfora com um grande poder mobilizador, é a de associar pandemia a uma guerra. Embora tenha propósitos aglutinadores, não nos podemos esquecer que há uma diferença abismal entre usar uma máscara de protecção para não contaminar os outros com um vírus

contagioso ou estar debaixo de fogo sob um calor tórrido ou ser subitamente emboscado numa mata sob águas torrenciais...

Há uma diferença enorme entre ficar confinado em casa, cumprindo um isolamento social preventivo e abrigar-nos de uma chuva de granadas de morteiro...

Por todas estas razões devemos encarar esta simbólica cerimónia como um acto de exemplo de todos nós perante as gerações mais novas para que os jovens deste tempo se empenhem também em missões e em causas essenciais ao futuro do País com a mesma coragem, a mesma generosidade e a mesma determinação, com que os jovens de outras gerações, em todos os Continentes, enfrentaram os seus próprios desígnios.

Referia anteriormente que esta cerimónia era já uma antiga tradição do Município de Oeiras. E posso dizer-vos que me orgulho muito de, quando ainda a tendência era a de renegar valores e a de silenciar a guerra do ultramar, no pressuposto de que atitude contrária poderia ser interpretada como uma ofensa aos inimigos de ontem, nessa altura já nós aqui em Oeiras tínhamos a coragem de dar a cara pelos militares do concelho mortos nesta, e em outras guerras. E para tal contámos, desde a 1ª hora, com a inexcusável colaboração da Liga dos Combatentes - e do seu Núcleo de Oeiras e Cascais - a quem estaremos sempre muito gratos.

Possa este “Jardim do Ultramar” e o conjunto escultórico da autoria da escultora, Professora Maria Morais, servir-nos de inspiração para não nos esquecermos nunca da necessidade de, no nosso dia-a-dia construirmos políticas humanitárias e humanistas, políticas de coesão, políticas de partilha, procurando seguir o exemplo da visão cosmopolita do mundo de Camões.

Em meu nome e em nome de todos os Oeirenses, o meu bem-haja pela Vossa presença e um sentido abraço para as famílias daqueles que morreram em nome do nosso país.

Ver-nos-emos seguramente aqui, no próximo ano, já sem a perturbação deste vírus, para continuarmos esta nossa marcante evocação.

5

Muito Obrigado.

Viva Oeiras,

Viva Portugal

ISALTINO MORAIS

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS